

## O PROCESSO HISTÓRICO DA VITICULTURA NO MUNICÍPIO DE DOIS LAJEADOS

João Vitor Contarin<sup>1</sup>  
Nicolas Granville<sup>2</sup>  
Daniel Tessaro<sup>3</sup>

**Resumo:** O Rio Grande do Sul é o estado com maior plantação de uva e seu uso na produção de sucos, vinhos... O artigo procura discutir a produção da videira em pequenas propriedades na região serrana do estado. Através de pesquisas com agricultores na área de estudo, município de Dois Lajeados, conseguimos ter uma visão do passado, de como todo o plantio surgiu na cidade, junto com essa contextualização histórica da região chegamos a algumas possibilidades para o futuro do plantio com a ajuda de conceitos trazidos por cientistas da área agrícola (de maior importância para a pesquisa é como se difere o campesinato da agricultura familiar), descobre-se como em muitas famílias, a monocultura da uva consegue sustenta-los e como podem continuar nesse ramo. Com isso, e comparando as pequenas plantações de uva, com latifúndios nas principais cidades em plantação de uva da região (Caxias do Sul e Bento Gonçalves) chegamos a dois possíveis resultados para os agricultores familiares: ou são consumidos por alguma empresa que comece a comprar terras e transforme as pequenas propriedades em um grande latifúndio, ou os agricultores familiares precisarão procurar mão de obra cada vez mais fora de sua família, já que o número de filhos por família tem diminuído e dos poucos que são criados no meio rural, a maior parte deles não querem seguir o caminho como agricultores e são atraídos por estudo, comodidade e tantas outras coisas que a cidade traz para eles.

**Palavras-chave:** Viticultura, Campesinato, Agricultura-Familiar.

### Introdução

O debate que está na ordem atualmente diz respeito ao futuro da agricultura familiar e o campesinato no estado, este futuro passa pela modificação no formato destes dois conceitos ao longo do tempo. A mecanização da agricultura vem desafiando os pequenos agricultores a se adaptarem a este novo mercado, está nova organização é marcada pela intensa troca de mercadorias e informações, além disso, a negociação com mercados cada vez mais distantes.

O artigo analisa o processo agrícola da viticultura ocorrido no município de Dois Lajeados/RS, tendo como objetivo identificar os modelos de campesinato e agricultura familiar e entender como essa cultura sobreviverá no município. O trabalho será desenvolvido

---

<sup>1</sup> Universidade de Passo Fundo. vitor.contarin@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade de Passo Fundo. ng.granville@gmail.com

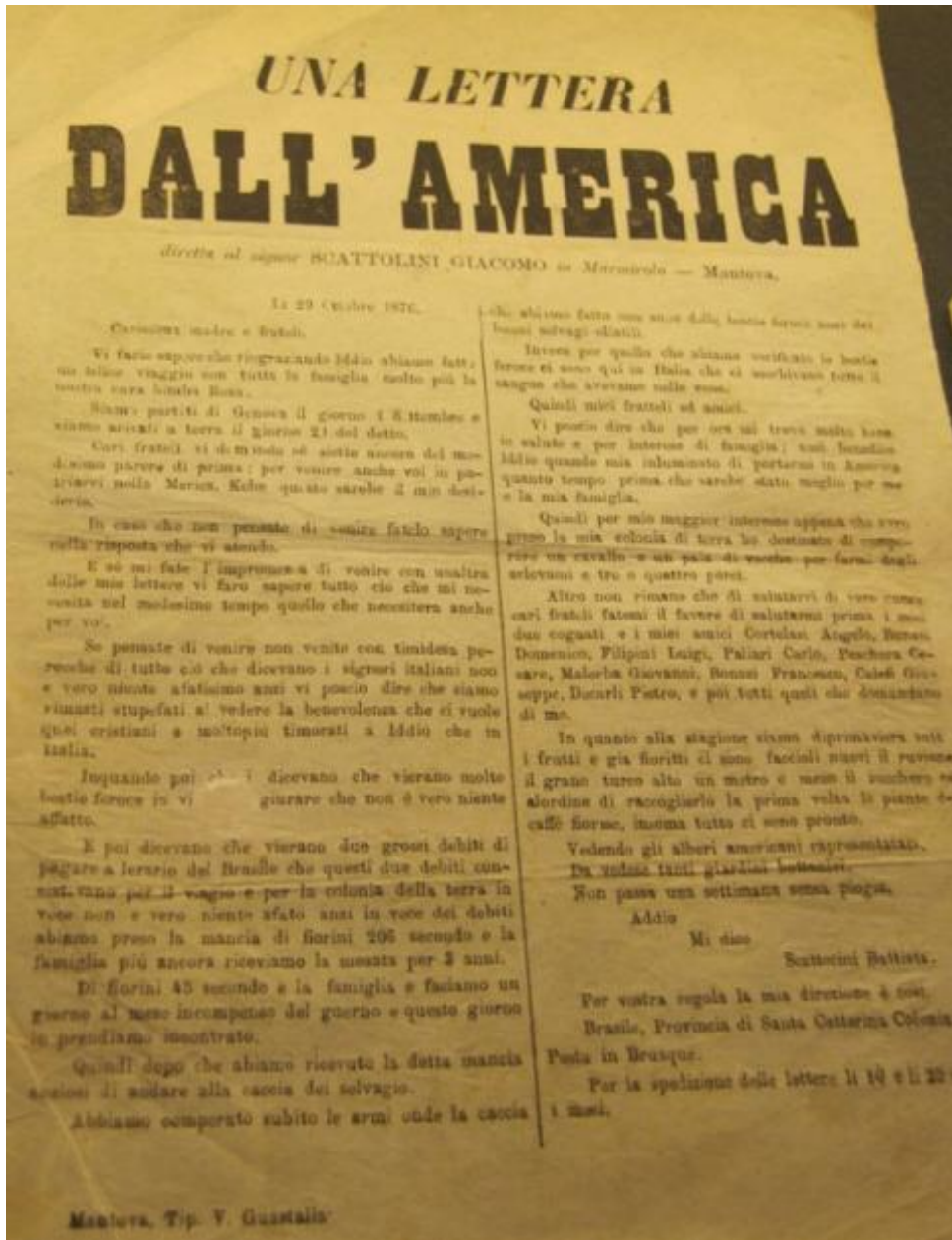
<sup>3</sup> Universidade de Passo Fundo. daniel\_tessaro@hotmail.com

através de pesquisas em acervos de documentos históricos junto a órgãos públicos, como a prefeitura municipal da cidade e de entrevistas com os viticultores do município. Acreditamos que a junção de documentos históricos e de entrevistas com esses agricultores, será possível conhecer os aspectos que levaram a implementação e expansão da viticultura e as relações familiares envolvidas no plantio e derivação de produtos da uva. Assim, poderemos ter não só a noção do passado, mas do futuro dessas das famílias e da produção de uva do estado.

### **A vinda dos italianos para o Rio Grande do Sul.**

A videira foi introduzida no estado do Rio Grande do Sul pelo padre Roque Gonzales, em 1626, na época das reduções jesuíticas (REAL, 1981, p. 38). Desde então, portugueses e açorianos começaram plantações pequenas bem espalhadas pelo território do estado. Até a vinda dos imigrantes italianos, foram eles que ampliaram a tecnologia e o interesse pela plantação e consumo da uva.

Os primeiros imigrantes que chegaram ao Sul do Brasil por volta de 1825 foram alemães vindos das cidades de Holstein, Hamburgo, Mecklemburgo e Hanôver. Posteriormente chegaram ao estado os Italianos, aproximadamente por volta de 1875, estes vindos primeiramente do Nordeste da Itália, os chamados Italianos-venêtos. Foram dois os grandes motivadores para vinda de italianos para o Continente Americano. Primeiramente a industrialização estava em seu ápice na Europa e os agricultores sem ter mercado para competir com os produtos industrializados, desvalorizando assim seus produtos artesanais, não tiveram outra opção senão ir em busca de uma nova terra para desenvolver suas atividades econômicas. A segunda razão para esta migração foi a Unificação Italiana, que só foi eficiente para a manutenção dos privilégios dos afortunados italianos no poder.



Carta de um imigrante italiano em Brusque (SC) a sua família. Os primeiros imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande Sul escreviam a seus parentes na Itália contando as vantagens da vida no Sul do Brasil, muitas vezes omitindo fatos e maquiando algumas dificuldades, dessa forma, muitos imigrantes retardai-os que vieram para o estado são das mesmas localidades ou até mesmo das mesmas famílias que já estavam instalados aqui.

A facilidade encontrada pelos estrangeiros para se instalar nos estados do Sul do Brasil foi movida pelo fato da Coroa Portuguesa dispor de uma vasta área a ser ocupada, e por consequência desenvolveu diversos programas de povoamento em seus novos territórios conquistados na América do Sul, segundo o imperialismo brasileiro a colonização seria:

à entrada de estrangeiros para o desenvolvimento da agricultura explorada por homens livres, com base na pequena propriedade, sob a direção do governo ou de particulares e sempre com a intenção de valorizar terras incultas, visando seu povoamento (LAZZARI, 1980. p. 13).

Além disso, esta colonização buscava povoar estas vastas áreas em virtude dos riscos de invasões, tanto via terrestre como pelo mar. A região com áreas mais devolutas da Coroa Portuguesa localizavam-se no Rio Grande do Sul.

Assim desenvolveu-se muito empenho e esforço em ocupar esta área. Entretanto, existiam alguns percalços para povoar algumas regiões do estado. A Serra Gaúcha era uma região de terreno acidentado com muitas montanhas, sendo assim, não haviam muitos candidatos para habitar esta área. Preocupado com este problema Dom Pedro II buscava moradores para o local, em uma visita casual ao seu tio Francisco José, Imperador da Áustria, o imperador brasileiro observou os moradores camponeses dos Alpes Austríacos e percebeu que estes viviam numa área bem montanhosa, sendo assim, viu ali os futuros moradores da Serra Gaúcha. Seu tio não resistiu, uma vez que estes moradores sempre lhe causavam problemas. Foi com a chegada dos italianos no estado que a viticultura teve um surto.

O laborioso colono italiano, amante incondicional de um bom vinho nas refeições e fora delas, não podia passar ‘um só dia sem um bom vinho’. Foi a partir de sua chegada ao Rio Grande do Sul que a viticultura ganhou notável impulso (REAL, 1981, p. 31).

## **Caxias do Sul e a Uva**

Muito antes da chegada dos primeiros imigrantes italianos a região, o atual município de Caxias do Sul já era ocupado, sua área era habitada por povos originários, estes estavam sendo catequisados por jesuítas. O município hoje famoso pelas videiras era denominado “Campo dos Bugres” por volta do ano de 1650. Entretanto o povoado ali não prosperou, contudo, esta cidade ainda viria a se tornar o caminho dos tropeiros alguns anos depois.

Já por volta de 1875 começaram a chegar os primeiros imigrantes da Itália e fundaram Nova Milano. A região era conhecida pelo solo ser extremamente fértil, e de terreno

acidentado, daí vem algumas das razões para a região se tornar o famoso “Vale dos Vinhedos”. O desnível da área e o clima regional favoreciam o cultivo das videiras. São locais que possuem invernos muito rigorosos, ideais para o descanso dos vinhedos. Verões por vezes com forte insolação e seca, mas há outros com baixa incidência de sol, chuva e umidade, mas sempre com noites mais frias, ideais para um recesso da uva nos dias mais quentes. A cidade estudada se localiza em um ambiente com clima e solo perfeito para a viticultura. De clima Subtropical com verão ameno, mesmo assim tem verões e invernos bem definidos, a presença de invernos frios e chuvosos somados a baixa diferença da média de temperatura anual ajuda ainda mais no quesito agroclimático. São essas variáveis mais importantes para a viticultura: precipitação e temperatura. “A variabilidade interanual da precipitação pluvial e da temperatura resulta em safras com qualidade distinta em diferentes anos, e está relacionada, em parte, à ocorrência dos fenômenos El Niño e La Niña.” (FLORES, 2012, p. 22).

Com os problemas de doenças que vinha de anos antes (começo do século XX) atacando as parreiras de uva no estado, o tipo de uva que sobreviveu a esta doença foi a de casta americana, Isabel. O movimento cooperativista, em 1911, instaura uma nova era na viticultura gaúcha. Foi após nova crise da doença que surgem laboratórios de análise das videiras (Caxias do Sul, Farroupilha, Carlos Barbosa e Bento Gonçalves). Esses laboratórios também tinham a intenção de reerguer o ânimo dos agricultores e ir em contrapartida a quase monocultura da uva Isabel. Também é instalada a Estação Experimental de Caxias do Sul, e com todo esse abastecimento tecnológico voltado para a plantação e saúde da uva, ocorre uma grande transformação e expansão da viticultura, para além do nordeste do estado. (REAL, 1981, p. 33)

O aprimoramento da ciência se deu mais na região nordeste da serra, correspondente a duas principais sedes da plantação: Caxias do Sul e Bento Gonçalves. Além delas, também houveram outros pontos de grande importância na cultura, entre eles Garibaldi, Flores da Cunha, Farroupilha, São Marcos, Antônio Prado, Veranópolis, Carlos Barbosa, Nova Prata e Guaporé (REAL, 1981, p. 34). Muitas dessas cidades são até hoje, grandes produtoras da uva. Outras acabaram se industrializando ou especializando em outras culturas. “Cerca de 41.000 hectares produzem, hoje, no Rio Grande do Sul, cerca de 400 milhões de quilos de uva, dos

quais, 370 milhões são industrializados (vinho, suco e destilado), sendo que mais de 24.000 famílias se dedicam ao cultivo da uva em nosso Estado.” (REAL, 1981, p. 34).

## **Dois Lajeados e conceitos básicos**

A cidade estudada foi Dois Lajeados. Dois Lajeados é um município considerado novo. Teve sua emancipação da sua cidade vizinha, Guaporé, em 1987. Desde então, criou uma pequena área urbana e seu foco econômico se encontra na zona rural do município. Mas isso não significa que, enquanto distrito de Guaporé, seus habitantes já não desenvolvessem atividades agrícolas econômicas.

### **Sobre o município de Dois Lajeados:**

As terras eram férteis, o que atraiu os imigrantes. A princípio vieram os italianos e posteriormente alemães e poloneses, e filhos de imigrantes residentes em Bento Gonçalves, Veranópolis, Garibaldi e outros lugares vizinhos. Alguns para se dedicarem a agricultura, outros para o desempenharem ofícios diversos tais como: ferreiros, hoteleiros, moinheiros, marceneiros, etc (IBGE, 2013).

Dessa forma, a produção de vinho foi progredindo na região e assim criando diversos modelos de produção agrícola, das quais buscaremos discutir duas, são elas: o campesinato e agricultura familiar.

O conceito de agricultura familiar vem se modificando com o passar do tempo, contudo, é unanimidade entre os pesquisadores que o agricultor familiar é um modelo de camponês integrado a economia de uma forma mais intensa. Hugues Lamarche em uma parceria firmada com outros pesquisadores produziu um material que demonstra de uma forma bem clara esta situação:

Henri Mendras havia previsto, já em 1967, o fim dos camponeses. Dezoito anos depois, ele constata que estava com a razão e declara que se assistiu ao desaparecimento da exploração familiar. Na verdade, a exploração camponesa hoje praticamente desapareceu do território francês, mas com certeza a exploração familiar não, e não se pode confundir as duas coisas. A exploração camponesa é familiar ... mas nem todas as explorações familiares são camponesas... O leitor atento terá percebido que nossa reflexão acerca da exploração familiar se organiza em torno de um eixo definido pelo grau de integração na economia de mercado. É

claro que concebemos está integração em seu sentido mais absoluto, ou seja, tanto no plano técnico-econômico, quanto no plano sociocultural. (1993, p.15-19)

Portanto, como Lamarche define, o agricultor familiar é um camponês que buscou uma integração ao mercado econômico, no caso aqui discutido (escala regional) percebemos este processo a partir da ligação via ferrovia entre Caxias do Sul e a capital gaúcha quando iniciou-se a venda numa escala maior do precioso líquido da serra gaúcha.

Para um melhor entendimento da conceituação do campesinato buscamos em uma obra de Abramovay elementos que conceituem o significado de campesinato. Para o autor, camponeses são “aqueles produtores familiares marcados por uma inserção parcial em mercados incompletos. Diferentemente de boa parte da literatura a respeito, a ênfase da definição (e portanto da diferença com relação aos agricultores familiares modernos) está no tipo de relação com o mercado (ABRAMOVAY, 1992, p.24). Uma relação mais fraca, que vem da menor proporção do camponês com o mercado e da menor procura do mercado pelo camponês. Ainda, segundo Shanin é, ao mesmo tempo, uma personificação distinta, que apresenta padrões de relações sociais exclusivas de si próprio, ou seja, o que também podemos denominar de modo de vida. (SHANIN, 1979).

## **ENTREVISTA COM OS MORADORES DE DOIS LAJEADOS**

Finalmente, tendo em vista a contextualização do local, conceitual e histórica já apresentada, chegamos a parte das entrevistas com moradores da cidade de Dois Lajeados, onde procuramos mais de perto como era a vida dos moradores da região e como a uva evoluiu com o passar do tempo e ganhou tanta importância para a economia das famílias:

O primeiro entrevistado Claudir M. foi um morador e produtor de uva da Comunidade Linha Emília do município de Dois Lajeados. Na entrevista ele conta como a uva entrou na vida deles e trouxe certa praticidade e lucros nunca antes alcançados. Mas para isso é necessário entender como seu pai trouxe a uva para a família.

O pai de Claudir M., que aqui chamarei de Nono, ao se casar, ganhou de seu pai um pequeno pedaço de terra não muito fértil por volta de 1950 – vale lembrar que nessa época a

tecnologia na plantação era quase nula na região serrana do Rio Grande do Sul, o plantio com maior desenvolvimento tecnológico era o fumo. Esta terra recebida ficava exatamente no que viria a ser o centro da Linha Emília, com o salão e a igreja católica da comunidade de frente para sua casa. A religião sempre foi importante para os imigrantes italianos. Nessa terra ganha pelo seu pai, era possível uma minúscula plantação de soja e criação de porcos para a venda.

Começou a lucrar com a agricultura de soja em sua pequena terrinha – mais ou menos 3 hectares -, com o passar do tempo e o dinheiro acumulando, conseguiu comprar mais terras para plantações maiores e criar mais animais. Sempre trabalhou sozinho, saindo as 7 da manhã de casa com seu almoço e voltando para casa a noite com baldes e bacias de grãos e ovos para a família. Enquanto isso a Nona, sua mulher, trabalhava como doméstica em escolas e algumas casas da região. Também era responsável pela criação dos 7 filhos que o casal veio a ter.

Com o acúmulo de capital crescendo, o Nono decidiu abrir um pequeno armazém por volta de 1970. Nele, ele trabalhava quando não estava nas plantações ou quando seus filhos já conseguiam fazer as tarefas rurais necessárias sem sua supervisão. Nesse armazém ele vendia tecidos, comidas... Mercadorias usadas no dia a dia dos moradores da Linha Emília, em foco às mulheres, donas de casa, da cidade. Mas, não precisar viajar até a cidade, 15 quilômetros até o município de Guaporé (naquele tempo Dois Lajeados era apenas um distrito de Guaporé e não havia se emancipado ainda), para comprar derivados desse gênero era uma grande mudança para a comunidade. O armazém não durou muitos anos, de acordo com o entrevistado.

Então, finalmente, com uma grande quantidade de terras já em sua posse, final da década de 1970, Nono plantava soja, milho, batata, aipim e outros. A plantação em grande escala era de soja e o milho, já que havia criação de porcos e essa era a comida para a engorda deles. Essa plantação ficava em um terreno longe da sua casa, a quatro quilômetros da sua casa.

Foi então que a fruta roxa entrou na vida da família de Nono. Como o vinho é uma bebida tão desejada pelos seus descendentes italianos, não só os fazendo lembrar-se das origens como também de tradição familiar, afinal era necessário plantar o que gerava dinheiro, e não o que era de seu costume. Nono então começou a plantar a uva, apenas uma



pequena quantia de parreiras que não tinha destino para a venda, como todos os outros donos de terras italianos da região faziam. Usava a uva para fazer seu próprio vinho para seu próprio consumo. E esse foi o começo do ensino da plantação de parreirais de uva para a sua família.

Com o passar do tempo, seus filhos cresceram e se casaram. Os cinco mais velhos queriam ir para a cidade, movido pelos grandes movimentos de êxodo rural por volta dos anos 1970 e 1980. Com as belezas que a cidade mostrava aos habitantes da zona rural, principalmente por empregos que não envolvessem o trabalho cansativo na terra, procuravam uma comodidade maior para viverem, e então a busca de um estudo aprimorado para os filhos. Assim, apenas os dois filhos mais novos da família, Claudir M. e sua irmã continuaram morando na comunidade. Nono comprou um terreno para Claudir e sua mulher, enquanto a irmã mais nova ficou morando com seu marido junto com Nono, na mesma casa.

Por volta de 1990, ambos Claudir e sua irmã ainda não tinham filhos, ou seja, sem mão de obra para cuidar de certas culturas. Firmaram em tentar a sorte em uma plantação que fosse de época e que aparentava estar crescendo na região, a viticultura.

Hoje não só Claudir M. como sua irmã continuam plantando uva. Com a morte de Nono, a sua irmã decidiu morar em outra região da comunidade com seu marido e Claudir M. foi para sua antiga casa, deixando a casa com a plantação de uva para um de seus dois filhos, o mais velho. Seu outro filho não quis se envolver mais com nenhuma atividade agrícola.

O segundo entrevistado foi o agricultor e plantador da uva, Claudio B. que hoje conta com 25 hectares de parreiras de uva e mão de obra paga em época de colheita do fruto.

Com algumas terras, Claudio tinha uma pequena área de plantação que não gerava muito dinheiro. Toda época de safra, Claudio viajava para Caxias do Sul, final dos anos 1970, para trabalhar como peão para os grandes plantadores de uva em suas parreiras de uva. Com o dinheiro ganho em algumas dessas viagens e com o implemento na produção de vinho naqueles anos (industrialização dos produtos e incremento dos laboratórios já citados no artigo) Claudio, já casado, começou sua pequena plantação e da videira em 1985, quando sua mulher quebrou o braço e decidiu largar os estudos para trabalhar ajudando seu marido. Claudio vendia para o centro da produção de vinho e uva, Caxias do Sul.

Como o clima na serra gaúcha, tanto em Dois Lajeados como em Caxias do Sul, é perfeito para o plantio da uva, era uma cultura mais que viável para Claudio começar o investimento. Então, em poucos anos Claudio, seus irmãos e pai começaram o cultivo de uva em suas terras. Sua família não foi a primeira a plantar a fruta dos cachos roxos no território da cidade, já que várias famílias realizavam o plantio para consumo próprio. Porém, com certeza Claudio foi um dos pioneiros da monocultura na região e a espalhar o cultivo da uva na região de Dois Lajeados.

Claudio, hoje, continua plantando uva e graças à fruta abriu um negócio de máquinas de escavações com seu único filho que, de acordo com ele, pretende seguir os negócios do pai.

## Resultados e Conclusão

Percebemos como foi importante a vinda da uva para a região sul, não só economicamente como culturalmente. Graças a videira os imigrantes italianos puderam continuar suas plantações e fazendo seus vinhos, naturais nas suas antigas vidas no antigo continente.

Fora isso, foi com a vinda da plantação em massa da uva no Rio Grande do Sul, aliada aos laboratórios de aperfeiçoamento da cultura e o clima, que fizeram da região serrana do estado produtora de ótimas safras de uva e vinho.

Através das entrevistas foi possível identificarmos como era o cultivo de uva e outras sementes, usando muita mão de obra familiar e pouca tecnologia, com traços claros de campesinato em algumas culturas com vista ao consumo próprio ou para o mesmo regozijo, como é o caso da viticultura. Tendo assim a relação com a terra, a agricultura, como um modo de vida que tentou superar paradigmas – sem êxito – criados a partir do passar dos tempos (SHANIN, 1979, p.228).

Com o passar dos anos e a vinda da tecnologia e da ideia de plantar-se uva para o município de Dois Lajeados, tendo em vista o mercado como elemento mediador nessa escolha, algumas famílias foram se especializando nessa monocultura que rendeu muitos

lucros e elevou a qualidade de vida das famílias que tinham a plantação da videira, vendendo sua produção a grandes indústrias das cidades Bento Gonçalves e Caxias do Sul.

Hoje, apenas os que se adaptaram as mudanças técnicas e econômicas na agricultura continuaram a viver da plantação da videira (Agricultura Familiar). Enquanto os que se negaram a essa adaptação e se prenderam as estruturas e dinâmicas socioeconômicas do passado não ganharam a luz dos holofotes do capital em seus cultivos (Agricultura Campesina). E esse percentual é alto no município, a estrutura da economia de Dois Lajeados foi estruturada em cima do setor agropecuário, que conta com 69% da população estabelecida nesse setor, com o predomínio do minifúndio, onde encontramos bastante da Agricultura familiar e campesina. Os principais produtos plantados e comercializados no município são o milho, uva e fumo. Sendo desses 640 hectares destinados para a vitivinicultura (Dois Lajeados, 2017).

Mesmo com grande área de plantio, as famílias e mão de obra têm diminuído com o passar dos anos. Tanto pela variedade e modo de vida diferenciado que as cidades oferecem aos moradores da zona rural, como com o aumento da tecnologia que facilita a vida dos agricultores. Assim, o modelo tradicional do trabalho familiar no campo, onde uma família tendia a ter um número alto de filhos para ajudar no trabalho no campo, hoje está quase extinto. Nos tempos de hoje estas mesmas famílias necessitam contratar mão de obra de outras cidades – afinal não há mecanização na colheita da uva nessas cidades pequenas, apenas um trator que serve para levar o fruto das parreiras até onde ele é armazenado. A colheita é feita com uso de alicates e caixas, a verdadeira tecnologia no plantio de uva nessas pequenas propriedades se encontra nos agrotóxicos e escolha das sementes certas. Algumas vezes, é necessário contratar peões de estados ou cidades vizinhas na época de safra para trabalhar na colheita da fruta, peões estes que buscam capital para começar sua própria plantação algum dia, ou simplesmente sustentar sua família na sua cidade de origem.

Então, tendo em vista a situação da viticultura, dois possíveis cenários na realidade vista hoje na cidade que podemos encontrar: 1) a sobrevivência da agricultura familiar no campo, através de algum filho ou até mesmo parente próximo se apropriando das terras dos seus pais, ou parentes, quando o antigo proprietário vier a envelhecer e não conseguir mais trabalhar no campo; 2) o proprietário da terra, não tendo nenhum parente interessado em comprar suas terras ou continuar a vida no campo, acaba tendo que vende-la para empresas.

Com o passar do tempo, e a expansão dessas terras de alguma empresa privada que acabará dando a ela maior poder na região, os antigos minifúndios encontrados no município cultivados por famílias italianas por anos, provavelmente venham a se tornar um grande latifúndio de uma grande empresa privada.

## Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, R. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo - Rio de Janeiro Campinas: Editora Hucitec - ANPOCS - Editora da Unicamp, 1992.
- Dois Lajeados – RS. Dados Gerais. Disponível em <<http://bit.ly/2exH4dn>>. Acessado em: 15/02/2017.
- EMBRAPA. Análise descritiva da Microrregião Homogênea viticultora de Caxias do Sul. Bento Gonçalves: Embrapa. 1982.
- FLORES, Carlos Alberto, et al. Os solos do Vale dos Vinhedos. Brasília. Embrapa, 2012.
- IBGE. Histórico de Dois Lajeados. Disponível em <<https://goo.gl/J82tDS>>. Acessado em: 10/02/2017.
- ITALIARS. A imigração italiana no rs. Disponível em: <<https://italiars.wordpress.com/a-imigracao-italiana-no-rs/>>. Acessado em: 11/05/2017.
- LAMARCHE, H. (Coord.) A Agricultura Familiar: uma realidade multiforme. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- LAZZARI, Beatriz Maria. Imigração e ideologia: reação do parlamento brasileiro à política de colonização e imigração (1850-1875). Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.
- MANFROI, Olivio. A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1975.
- MELLO, Loiva M. R. Produção e comercialização de uvas e vinhos. Artigos Técnicos. Site Embrapa. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/produva.html>>. Acesso em: 23 out. 2002-a.
- REAL, Mauro Côrte. Os bons vinhos do Sul. Porto Alegre, Sulina. 4 ed. 1981.

Labomidia. Caminhos da imigração italiana no RS. Disponível em:

<[http://labomidia.ufsc.br/Santin/Col\\_italiana/8\\_Caminhos\\_da\\_ImigracaoItaliana\\_No\\_RS-cronicas\\_31\\_a\\_40.pdf](http://labomidia.ufsc.br/Santin/Col_italiana/8_Caminhos_da_ImigracaoItaliana_No_RS-cronicas_31_a_40.pdf)>. Acessado em: 11/05/2017.

SHANIN, Teodor. Campesinos y sociedades campesinas. México, Fondo de Cultura Económica, 1979.